

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

*NATAL NOS ANOS 1920:
SOB O OLHAR DO
MODERNISMO REGIONALISTA DE
JORGE FERNANDES*



Passeio de automóveis nas ruas da Ribeira, no início do século XX.

NATAL/RN
FEVEREIRO/2006

JOANA DE LIRA BEZERRA

*NATAL NOS ANOS 1920:
SOB O OLHAR DO
MODERNISMO REGIONALISTA DE
JORGE FERNANDES*

Monografia apresentada à Disciplina Pesquisa
Histórica II, ministrada pela prof^a
Flávia de Sá Pedreira, como requisito final
para aprovação no curso de História,
da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

NATAL/RN
FEVEREIRO/2006

Sumário

| | |
|--|-----------|
| Introdução | 05 |
| Capítulo I – A aventura da modernidade | 08 |
| Capítulo II – A coexistência entre regionalismo e modernismo | 20 |
| Capítulo III – A modernidade, a modernização e o modernismo regionalista de Jorge Fernandes | 31 |
| Considerações Finais | 44 |
| Bibliografia | 46 |

Introdução

Os anos que se iniciam a partir de 1870 são anos de intensa industrialização. Conhecidos como a plenitude da Segunda Revolução Industrial, esse momento da história marca um período de grandes avanços na área científica e tecnológica, o que promove uma verdadeira atmosfera de dinamismo econômico mundial que estará diretamente associada à idéia de progresso. O grupo social que consolida sua hegemonia nesse período, a burguesia industrial, busca, a todo momento, ajustar-se aos novos imperativos de civilidade, que resultam, em última instância, da idéia de progresso levada a efeito pelo processo de industrialização e pela ampliação do mercado mundial.

Essas transformações de caráter estrutural, ocorridas com maior intensidade em capitais desenvolvidas do mundo ocidental, como Paris, Londres, Berlim etc, lastreadas na idéia de progresso, pressupõem um ideal de civilidade e resumem a idéia de modernidade que rapidamente se amplia e atinge outras regiões do mundo, regiões que se identificavam com o modelo europeu. É nesse contexto que o Rio de Janeiro, ainda no período Imperial, e São Paulo vão sentir os efeitos da modernidade erigidos como símbolos da burguesia em ascensão, camada social que passará a definir um código novo, um cotidiano e uma cultura que iriam caracterizar o conjunto da vida social da modernidade.¹

Em Natal, a passagem para o regime republicano assinala a chegada da modernidade, mas é a partir dos anos 1900, com culminância na década de 1920, que as mudanças se avolumam, buscando equiparar Natal às demais capitais modernizadas do país. Nesse período, são feitas diversas obras de modernização na cidade (urbanização, saneamento, transportes, comunicações), além da iluminação elétrica realizada durante o governo de Alberto Maranhão, ambas as obras contribuíram para modificar as relações dos homens com o meio e entre eles próprios.

Em meio a esse turbilhão de transformações que se processavam na sociedade ocidental, emerge a idéia de “sensibilidade moderna”, que, em última instância, é a tarefa a que se propõe este trabalho. Não apenas discutir a idéia de “sensibilidade moderna” na moderna sociedade ocidental, mas procurar delinear as características que essa *modernidade* tomou em áreas onde ainda imperava o subdesenvolvimento, como é o caso

¹ SEVCENKO, N. *Literatura como missão – tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 30

do Brasil e, particularmente, Natal. É no sentido de perceber as reverberações da modernidade no registro literário natalense nos anos 1920 que se encaminham os esforços desse trabalho.

Para a realização desse trabalho foram utilizadas as obras consideradas “clássicas” sobre a modernidade: *Tudo que é sólido desmancha no ar*, de Marshall Berman, *Condição Pós-moderna*, de David Harvey, e *Afinidades Seletivas*, precisamente o texto “Modernidade e Revolução”, de Perry Anderson. Buscando dar ênfase às idéias discordantes/complementares desses autores e adequando-as aos propósitos deste trabalho será feita uma discussão inicial em torno da idéia de modernidade que lastreará nosso estudo sobre os desdobramentos que se poderiam perceber através do texto literário.

No primeiro momento do nosso trabalho a discussão sobre modernidade deve se concentrar na análise de suas características universais e particulares ao Brasil e a Natal. Além disso, iniciaremos uma breve análise da modernidade sem a ênfase que normalmente é dada ao dualismo, ou seja, à separação bem definida quanto aos seus aspectos materiais, entendidos como *modernização*, e aos aspectos espirituais, resultados diretamente ligados às transformações estéticas porque passou a sociedade a partir do final do século XIX, e que se convencionou denominar *modernismo*.

Na segunda parte do nosso trabalho buscaremos compreender a interdependência entre as transformações política, econômica e social e o *modernismo* como corrente intelectual e artística. Procuraremos compreender de que maneira as transformações estruturais supracitadas foram decisivas para entender os delineamentos que o programa do modernismo tomou, além de tentar compreender a diferenciação/complementaridade existente entre modernismo e regionalismo. Basicamente, nossa discussão privilegiará a idéia de que o regionalismo e o modernismo estavam imbricados, uma vez que entendemos que os programas do modernismo e do regionalismo tradicionalista compartilhavam características que só a análise mais acurada pode revelar. O modernismo, embora apontasse como grande diferencial da sua proposta o *nacionalismo*, seus artistas buscavam nesse nacionalismo nas coisas locais, para não dizer *regionais*, como forma de afirmação da “brasilidade”. A nossa análise se orientará para desvelar os verdadeiros pontos de convergência do modernismo e do regionalismo, não o *regionalismo tradicionalista*, que se apega à Tradição como forma de sobreviver ou preservar uma condição que é ameaçada pela efemeridade da vida moderna, mas o

regionalismo presente nas obras modernistas que vêem no particular e no pitoresco as raízes da brasilidade.

Na terceira parte do nosso trabalho será analisada em que medida o movimento modernista repercutiu no Estado. Tentaremos perceber as particularidades do movimento ou as características universais que ele preservou. Alisaremos a repercussão da obra de Jorge Fernandes e a divulgação do movimento pelo intelectual Câmara Cascudo. Tentaremos compreender porque Câmara Cascudo, enxergou na obra *Livro de Poemas*, de Jorge Fernandes, uma quebra no “horizonte de expectativas” da literatura local, transformando Jorge Fernandes num ícone do movimento modernista no Estado. Intento que será realizado tomando como exemplo três poemas integrantes do *Livro de Poemas*, “Rede...”, “Meu poema parnasiano n.º um” e “Aviões”. Analisaremos as particularidades do modernismo produzido por Jorge Fernandes, sempre pensando na realidade social e intelectual em que estava inserido e, portanto, determinante na sua produção literária.

Uma ressalva: as análises dos poemas mencionados são superficiais, uma vez que, como é sabido, não temos competência para realizar análises estilísticas acuradas, haja vista a pretensão de trabalho historiográfico feito e não literário. Entretanto, entendemos que a análise histórica desses poemas é o que vai nos dar condições para compreender as características e vicissitudes da modernidade enquanto fenômeno histórico fortemente significativo no recorte temporal que decidimos, o que uma análise literária, por si só, talvez não atendesse aos propósitos deste trabalho.

Capítulo I

A aventura da modernidade

O progresso expande-se

“A burguesia através de sua exploração do mercado mundial, deu um caráter cosmopolita para a produção e o consumo em todos os países.”

Manifesto Comunista

A partir da segunda metade do século XIX, notadamente a partir dos anos de 1870, torna-se visível o clima de dinamismo econômico que toma conta da sociedade urbano-industrial de países como Inglaterra, França e Estados Unidos. Esse dinamismo pode ser creditado à plenitude da Segunda Revolução Industrial, também intitulada Revolução Científico-Tecnológica.

É com a emergência da Segunda Revolução Industrial que os grandes avanços na área científica são feitos e estendidos à sociedade. As descobertas científicas, como a eletricidade e as potencialidades industriais do petróleo, transformam o poder e o ritmo da produção das indústrias e alargam o leque de produtos oferecidos a uma camada social capaz de absorvê-lo e demandar, cada vez mais, maiores investimentos para o desenvolvimento de novos produtos: a burguesia. Torna-se imperativo para essa classe os investimentos nas áreas industrial e científica, que dêem vazão aos seus anseios de conforto e afirmação de poder, através da ostentação de sua riqueza e afirmação de sua posição social.

É a partir da consolidação desse processo industrial de fins do século XIX e da descoberta de todas as potencialidades do petróleo e do emprego da eletricidade que a sociedade urbano-industrial de cidades como Paris, Viena, Londres, Roma, Berlim e outras grandes cidades da Europa tornaram-se símbolos da nova sociedade. O desenvolvimento do plástico, subproduto do petróleo, possibilitou a criação de uma gama de objetos que vão desde a correia responsável pela engrenagem de uma roldana, passando pelos objetos utilizados na medicina, como o material de que é feito o estetoscópio, até chegar ao consumo doméstico, cujo uso nem precisamos enumerar, revolucionou o

cotidiano das pessoas que de perto, e em poucas décadas, sentiram a diferença no próprio viver.

Além do plástico, pode-se mencionar a importância da eletricidade na mudança do modo de vida das pessoas. A eletricidade possibilitou uma nova relação do indivíduo com o mundo, na medida em que aquela modifica seu comportamento e ritmo de vida, uma vez que favorece, por exemplo, o prolongamento dos períodos de leitura noturna ou até a realização de afazeres domésticos, além da permanência do indivíduo nas ruas após o entardecer e, sem dúvida, o conforto que traz a extinção das lamparinas a gás que enfumaçavam as ruas e sujavam os ambientes internos.

É preciso lembrar também de um elemento que pode elucidar esse período de transformações que estamos analisando: a velocidade. Todo o desenvolvimento tecnológico esboçado anteriormente culminou com a rapidez dos processos que envolviam a produção e que resvalaram no transporte e distribuição dos produtos industrializados nos mercados interno e externo aos países produtores. Entretanto, a velocidade acabou perpassando a dinâmica da sociedade e invadiu o cotidiano individual, modificando as relações sociais, caso que pode ser exemplificado pela presença do telefone, que transformou a relação comunicativa entre as pessoas pela eficiência que pode oferecer, em detrimento dos telégrafos.

Os desdobramentos da Revolução Científico-Tecnológica atingiram todas as áreas, desde a indústria, alterando os processos produtivos, até o cotidiano popular, modificando ritmos, hábitos e costumes. Dessa forma, assistiu-se, também, ao fluxo de mudanças, que atingiu todos os níveis da experiência social; mudanças que foram capazes de afetar desde a ordem e as hierarquias sociais até as noções de tempo e espaço das pessoas, seus modos de perceber os objetos ao seu redor, de reagir aos estímulos luminosos, a maneira de organizar suas afeições e de sentir a proximidade ou o alheamento de outros seres humanos.² As paisagens se transformam, a relação do homem com o meio em que está inserido e sua relação com o outro, como podemos perceber pela leitura da obra *O pintor da vida moderna*, de Baudelaire:

Ele (o pintor da vida moderna) se delicia com as finas carruagens e orgulhosos corcéis, e esplendorosa sagacidade dos cavaleiros, a destreza dos pedestres, o sinuoso andar das mulheres, a beleza das

² SEVCENKO, Nicolau (Org.) *História da vida privada no Brasil*. v. 3. São Paulo, Companhia das Letras, 1998, p. 7

crianças, felizes de estarem vivas e bem-vestidas – numa palavra, ele se delicia com a vida universal.³

É nesse processo de expansão capitalista que a burguesia européia consolida seu poder e passa a acreditar no progresso infinito. A ciência e a razão levariam à expansão do capitalismo e não haveria mais fronteiras para o sistema. É por isso que os anos finais do século XIX e os primeiros do século XX ficaram conhecidos como *Belle Époque*, expressão que revela claramente a satisfação e a confiança da burguesia nesse momento da história.

O final do século XIX foi marcado por inovações tecnológicas, revoluções científicas e econômicas e o progresso daí resultante cada vez mais se confundiu com a civilidade, ou seja, quanto mais um país fosse progressista e moderno, mais civilizado era, distanciando-se do primitivismo característico dos países subdesenvolvidos. Essa “civilidade” era característica das elites, uma vez que requeria a manutenção de um certo padrão econômico que só as elites poderiam dispor. Coube, portanto, às elites a manifestação contra a desorganização urbana e a favor da modernização urbana e social, até porque somente elas tinham condições econômicas de equiparar-se às grandes cidades européias como Paris, por exemplo, em termos de poder aquisitivo para as construções mais de acordo com os novos planos urbanos, que incluíam a abertura de largas avenidas, melhoria no saneamento e habitação.

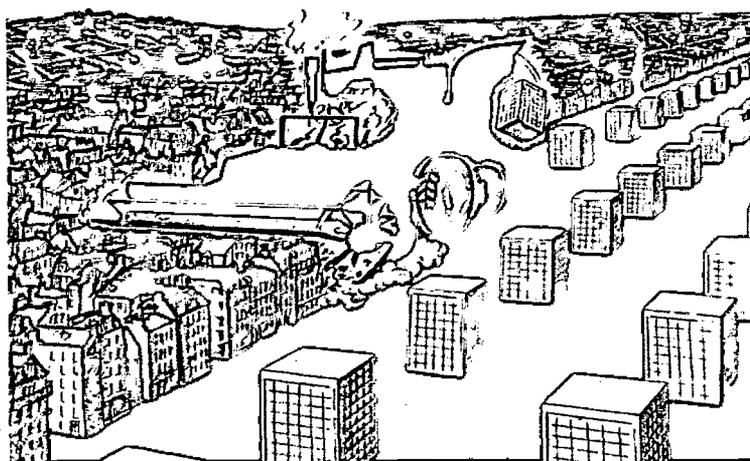


Figura 1: A arte parisiense do boulevard atacando a destruição modernista do antigo tecido urbano.

³ *O pintor da vida moderna*. C. Baudelaire *Apud*. BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar – a aventura da modernidade*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 156

Foram, portanto, as elites que comandaram o processo de “europeização” das grandes cidades brasileiras, pois “ao tomar o referencial europeu, essa elite [a burguesia industrial] importava valores e códigos sociais para o país, um cotidiano e uma cultura que iriam caracterizar o conjunto da vida social na modernidade”.⁴

Seguindo o movimento das transformações que ocorriam nos diversos países citados, o Brasil se inseriu na *Belle Époque* com o advento da República. O grupo social hegemônico, ao fim desse processo, preocupou-se em “exibir os primeiros monumentos votados à sagração de seu triunfo e de seus ideais”.⁵ Para esse grupo acompanhar o progresso significava alinhar-se com os padrões e o ritmo de desdobramento da economia européia, de tal forma que a busca pelo progresso tornou-se uma obsessão da burguesia.⁶

Como a capital da República era a cidade do Rio de Janeiro, o grande projeto para inserção do país na *Belle Époque* resumia-se ao projeto da “regeneração”, que tomando o termo de empréstimo aos cronistas da época, Sevcenko sintetiza no projeto de execução simultânea da modernização do porto, do saneamento da cidade e da reforma urbana.

Segundo Olavo Bilac:

O Brasil entrou – e já era tempo – em fase de restauração do trabalho. A higiene, a beleza, a arte, o “conforto” já encontraram quem lhes abrisse as portas desta terra, de onde andavam banidos por um decreto da Indiferença e da Ignomínia coligadas. O Rio de Janeiro, principalmente vai passar e já está passando por uma transformação radical. A velha cidade, feia e suja, tem os seus dias contados.⁷

A nova cidade do Rio de Janeiro, regenerada, deveria expurgar todos os sinais que a ligassem ao passado imperial e a todas as características que a ele estavam vinculadas. Segundo Sevcenko, “assistia-se à transformação do espaço público, do modo de vida e da mentalidade carioca, segundo padrões totalmente originais, mediante quatro princípios fundamentais: a condenação dos hábitos e costumes ligados à sociedade tradicional; a negação de todo e qualquer elemento da cultura popular; uma política rigorosa de expulsão dos grupos populares da área central da cidade; e um cosmopolitismo

⁴ HERSCHMANN, Micael M; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. p. 29

⁵ SEVCENKO, N. *Op. cit.* 1995, p. 30

⁶ *Ibid.* p. 29

⁷ BILAC, Olavo. Crônica, R. K., nº 1, 1904, *In* SEVCENKO, N. *Op. cit.* 1995, p. 30

agressivo”.⁸ Esse cosmopolitismo exacerbado relembra a trajetória da sociedade brasileira e, particularmente a carioca, no que se refere à vinculação com as sociedades européias, o que nos proporciona uma clara visão do desejo da elite burguesa carioca de identificação com a sociedade próspera e *civilizada* da Europa.

As reformas levadas a efeito em Paris a partir de 1853 produziram uma verdadeira reconstrução de grande parte da cidade, com o alargamento das antigas e estreitas ruas, e conseqüente construção de vias de acesso mais amplas e traçadas de maneira a facilitar a circulação, demolição de casas velhas e insalubres (geralmente de operários ou outros membros da classe mais baixa) para a abertura de avenidas e para a construção de sobrados que passaram a ser habitados por membros da classe superior. Somando-se a isso, houve também a ornamentação da cidade com a construção de jardins, bulevares e monumentos situados de maneira tal que contribuíssem para ressaltar a paisagem da cidade.



Figura 2: À direita, demolição de casas e prédios para dar lugar à Avenida Central no Rio de Janeiro (1904)
À esquerda, a inauguração da avenida, em 1905.

É nesse contexto que outras cidades brasileiras, sobretudo as capitais, passaram a sofrer os efeitos da modernidade advindos da *Belle Époque*, uma vez que o Rio de Janeiro, no papel de capital da República, funcionou como eixo de irradiação e caixa de ressonância das grandes transformações em marcha pelo mundo, assim como no palco de

⁸ SEVCENKO, N. *Op. cit.* 1995, p. 30

sua visibilidade e atuação em território nacional; ditando novas modas e comportamentos, mas acima de tudo os sistemas de valores, o modo de vida, a sensibilidade, o estado de espírito etc.⁹

Em Natal, a modernidade pode ser sentida a partir da Proclamação da República e o advento dos Estados, uma vez que a “autonomia financeira dos estados, permitindo a apropriação pelas oligarquias de rendas antes centralizadas pelo Império, deu novo impulso à modernização de muitas capitais, sedes do poder administrativo desses estados, onde as oligarquias exerciam seu poder”.¹⁰ Ainda segundo Monteiro, a modernização de Natal pôde contar com outros recursos, como aqueles enviados pelo governo federal com o objetivo de combater os efeitos das secas, além de empréstimos de capital estrangeiro contraídos pelo governo do estado, em 1910, com banqueiros franceses, a serem pagos em 37 anos.¹¹

No período que se inicia em 1903, Natal passa por diversas transformações estruturais que visam embelezá-la e colocá-la no mesmo patamar das demais capitais brasileiras. Passa a ser preocupação do poder público o saneamento das ruas e dos bairros, fato que pode ser ilustrado pela expansão dos sistemas de águas e esgotos realizada em 1910; e as obras para inserção da capital do estado avolumam-se.

São exemplos desse projeto modernizador a construção da Praça Augusto Severo, o calçamento de várias ruas na Ribeira e ainda a abertura de avenidas na área que se chamaria “Cidade Nova” – os atuais bairros de Tirol e Petrópolis.

No entanto, a aceleração da urbanização de Natal deu-se, de fato, com a chegada da energia elétrica à capital, mesmo que restrita a algumas ruas e residências da Ribeira e Cidade Alta. A inauguração da chegada da luz elétrica ocorreu em um momento de festividades ocasionadas pelo aniversário do governador Alberto Maranhão (1911), implementando a melhoria dos transportes urbanos, através de bondes elétricos (1911), concomitantemente à chegada dos primeiros telefones.

⁹ SEVCENKO, N. *Op. cit.* Nº98, p. 522

¹⁰ MONTEIRO, Denise Mattos. *Introdução à história do Rio Grande do Norte*. 2. ed. Natal: Cooperativa Cultural, 2002 p. 215

¹¹ *Ibid.* p. 215-216



Figura 3: Bonde elétrico que fazia a linha Petrópolis.

Figura emblemática no processo de modernização na capital, o então governador Alberto Maranhão (1908-1914) foi responsável por diversas das obras acima mencionadas, que, de acordo com Monteiro, são o exemplo do exercício do poder pela oligarquia Maranhão, valendo-se das rendas do estado, dos recursos enviados para combater os efeitos das secas e dos empréstimos externos.¹²

Sobre a chegada da luz elétrica durante o governo de Alberto Maranhão, vejamos o que nos diz Jaime dos G. Wanderley, em livro que escreveu sobre suas memórias:

Já, a esse tempo, falava-se, à boca pequena, nos propósitos louváveis e patrióticos do Governador Alberto Maranhão, em dotar a nossa capital de uma empresa elétrica, com a finalidade de instalar a iluminação na cidade e para manter em função, uma companhia de bondes, em substituição aos acanhados bondes, de burros da 'Ferro Carril', transportes insuficientes e morosos que, partindo da Avenida Tavares de Lira (naquele tempo, Cais Pedro de Barros) chegava até a 'Rua Grande' (Praça André de Albuquerque) fazendo um percurso penoso de mais de uma hora, devido à magreza, à velhice e à estafa dos pobres burros...¹³

¹² MONTEIRO, D. M. *Op. cit.* p. 217

¹³ WANDERLEY, Jaime dos G. *É tempo de recordar*. Natal: CERN/Fundação José Augusto, 1984. p. 15 (grifos do autor)

A partir de meados da década de 1920, com o declínio da oligarquia Albuquerque-Maranhão, iniciou-se um novo período para a história do estado e, particularmente, para a cidade do Natal, que começou a apresentar algumas características de vida urbana. Destacaram-se nesse período os governos de José Augusto (1924-1928) e Juvenal Lamartine (1928-1930). Oriundos do sertão seridoense, construíram estradas e ampliaram a infra-estrutura para a exportação do algodão. Portanto, a modernização chegava através das rodovias, além das comunicações aéreas (com a criação de “campos de pouso”) e do incentivo à industrialização.¹⁴

Esse histórico das mudanças estruturais que ocorreram após a emergência da Segunda Revolução Industrial e tornaram-se mais intensas no alvorecer do século XX, foi necessário para nos dar possibilidades de compreender as dificuldades porque passavam as pessoas que viveram esse período mais de perto. Além disso, como este trabalho pretende verificar as possibilidades de testemunho histórico de que um trabalho literário se reveste, a nossa análise começou bem antes do momento em que já se pode perceber os efeitos dessas transformações na produção literária, notadamente a produção literária local.

A busca pela compreensão da modernidade

Diante de todas essas transformações estruturais e da mudança de relação entre os indivíduos e o meio em que vivem, consigo mesmo e com os outros, é que emerge a idéia de uma “sensibilidade moderna”, sua análise e definição é tarefa que ocupará diversos estudiosos, respaldados por diferentes abordagens teóricas.

Segundo Marshall Berman, a *modernidade* é um conjunto de experiências que, hoje, é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo, conjunto que abrange uma experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e dos perigos da vida, concorrendo para que a experiência ambiental da *modernidade* anule todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia, unindo a espécie humana.¹⁵ De certa forma, essa idéia de união da espécie humana através da noção de *modernidade* pode ser referendada pela análise das transformações estruturais

¹⁴ ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte*. Natal: EDUFRN, 1995. p. 25

¹⁵ BERMAN, M. *Op. cit.* p. 16

– políticas, econômicas e sociais – observadas nos países que iniciaram a corrida tecnológica, como pudemos acompanhar anteriormente, e os países que aderiram ao modelo por direta identificação de valores e por vinculação ao modelo capitalista. Segundo sua análise

nas últimas três décadas, uma imensa quantidade de energia foi despendida em todo o mundo na exploração e deslindamento dos sentidos da modernidade. Muito dessa energia se fragmentou em caminhos pervertidos e autoderrotados. Nossa visão da vida moderna tende a se bifurcar em dois níveis, o material e o espiritual: algumas pessoas se dedicam ao ‘modernismo’, encarado como uma espécie de puro espírito, que se desenvolve em função de imperativos artísticos e intelectuais autônomos; outras se situam na órbita da ‘modernização’, um complexo de estruturas e processos materiais – políticos, econômicos e sociais – que, em princípio, uma vez encetados, se desenvolvem por conta própria, com pouca ou nenhuma interferência dos espíritos e da alma.¹⁶

Esse dualismo generalizado com que se enxerga a *modernidade*, assegura Berman, não nos deixa apreender de forma objetiva os fatos mais marcantes da vida moderna, que seria a fusão de suas forças materiais e espirituais, que contribui para a interdependência entre o indivíduo e o ambiente em que vive, o ambiente moderno. Dessa maneira, Berman continua sua análise da modernidade sem se preocupar em desenvolver maiores explicações sobre as diferentes facetas que tomam o modernismo e até mesmo a modernização, uma vez que compreende que, com a expansão do progresso e da onda de transformações estruturais que se processavam no mundo, era natural a ampliação da idéia de modernismo sem grandes diferenciações. Posição que lhe rendeu muitas críticas.

Para Berman, em obra que já se tornou clássica sobre o tema, “a *modernidade* do século XIX, nos oferta uma nova paisagem, altamente desenvolvida, diferenciada e dinâmica, na qual tem lugar a experiência moderna. Trata-se de uma paisagem de engenhos a vapor, fábricas automatizadas, ferrovias, amplas novas zonas industriais; prolíficas cidades que cresceram do dia para a noite, quase sempre com aterradoras conseqüências para o ser humano, jornais diários, telégrafos, telefones e outros

¹⁶ BERMAN, M. *Op. cit.* p. 151

instrumentos de *media*, que se comunicam em escala cada vez maior; Estados nacionais cada vez mais fortes e conglomerados multinacionais de capital”.¹⁷

Berman, em sua análise, afirma que a *modernidade* remonta o marco 1500, tendo em vista a expansão das navegações e o contato entre diferentes povos em escala mundial. Para esboçar melhor sua compreensão da história da *modernidade*, dividiu-a em três fases: a primeira fase estende-se do início do século XVI até o fim do século XVIII, período em que as pessoas estão começando a experimentar a vida moderna, mas sem uma definição mais precisa sobre o que lhes aconteceu; a segunda, iniciada com a grande onda revolucionária de 1790, ganha vida um grande e moderno público, que mesmo vivendo em um período revolucionário ainda se lembra do que é “viver, material e espiritualmente, em um mundo que não chega a ser moderno por inteiro”; e a terceira e última fase que ele destaca refere-se ao século XX, período em que o processo de modernização se expande por todo o mundo.¹⁸

Em uma “querela” que já se tornou clássica, Perry Anderson em artigo divulgado pela *Novos Estudos CEBRAP*, rebate a análise sobre a modernidade de Berman afirmando que cometeu um equívoco ao centralizar sua análise na idéia de desenvolvimento, na medida em que

a idéia de modernização envolve uma concepção de desenvolvimento fundamentalmente plano – um processo de fluxo contínuo em que não há diferenciação real de uma conjuntura ou época em relação à outra, exceto em termos de mera sucessão cronológica do velho e do novo, do anterior e do posterior, [...].¹⁹

Além da crítica sobre a idéia de progresso como ponto fulcral na análise da modernidade empreendida por Berman, Anderson propõe uma maneira alternativa de compreender as origens e as aventuras do modernismo, de modo a “examinar mais de perto a temporalidade histórica diferencial em que se insere”, já que afirma que o modernismo teve uma grande multiplicidade, dada a sua distribuição geográfica

¹⁷ BERMAN, M. *Op. cit.* p. 19

¹⁸ *Ibid.* p. 16-17

¹⁹ ANDERSON, Perry, “Modernidade e Revolução”. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n, 14, fevereiro, 1986. p. 2-15, *Apud.* PEDREIRA, Flávia de Sá. *Chiclete eu misturo com banana: carnaval e cotidiano de guerra em Natal (1920-1945)*. Natal: EdUFRN, 2005. p. 44

desigual.²⁰ Pedreira resume sua análise sobre as críticas de Anderson a Berman da seguinte forma:

Anderson arremata suas críticas apontando uma explicação conjuntural para diversas práticas e doutrinas estéticas que, ao longo do século, foram agrupadas como 'modernista'. Tal explicação contemplaria a intersecção de diferentes temporalidades históricas, que ele distingue em três coordenadas decisivas: a primeira delas, antes da Primeira Guerra Mundial, com a codificação de um academicismo altamente formalizado, nas artes visuais e outras; a segunda, com a emergência das tecnologias ou invenções-chave da segunda revolução industrial (telefone, rádio, automóvel, avião etc.); e, por fim, a proximidade imaginativa da revolução social que começava a variar amplamente.²¹

David Harvey também se propôs a discutir o tema da modernidade, tomando como base os trabalhos de diversos pensadores, dentre eles D. Frisby, chegou a conclusão que aqueles identificam no passado uma sensibilidade contemporânea muito forte à efemeridade e à fragmentação. Para Harvey, a vida moderna é permeada pelo sentido de fugidio, do efêmero, do fragmentário, do contingente, o que traz inevitavelmente algumas conseqüências: "Para começar", diz ele, "a modernidade não pode respeitar sequer o próprio passado, para não falar do de qualquer ordem social pré-moderna. A transitoriedade das coisas dificulta a preservação de todo sentido de continuidade histórica".²² Pensar sob essa perspectiva nos ajuda a compreender com que resistência as elites tradicionais locais enxergavam as mudanças estruturais que ocorriam em seu entorno e, mais do que isso, as transformações culturais que ameaçavam destruir as bases em que estava sedimentado o seu poder. De acordo com Harvey,

A modernidade[...] não apenas envolve uma implacável ruptura com todas e quaisquer condições históricas precedentes, como é caracterizada por um interminável processo de rupturas e fragmentações internas inerentes.²³

²⁰ PEDREIRA, F. de S. *Op. cit.* p. 44 (grifos da autora)

²¹ *Ibid.* p. 44-45 (grifos da autora)

²² HARVEY, David. *Condição pós-moderna* – uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1992. p. 22

²³ *Ibid.* p. 22

Essa questão da ruptura da “continuidade histórica” será melhor discutida no próximo capítulo. Agora, é necessário apresentar considerações sobre o conceito de modernidade que será adotado para nortear a análise do objeto desta monografia: a relação entre história e literatura.

A nossa análise privilegiará o conceito de modernidade esboçado por Berman, que define-a não em termos de dualismo, que a separa em dois níveis: o material e o espiritual. Isto é, o conceito de modernidade que adotamos é aquele que funde as forças materiais e espirituais, privilegiando a interdependência entre o indivíduo e o ambiente moderno. Dessa forma, cada vez que formos analisar a produção literária local, precisamente a obra de Jorge Fernandes, foco do nosso terceiro capítulo, e utilizarmos termos como *modernização* e *modernismo*, estaremos privilegiando a noção de modernidade que foi analisada no momento inicial deste trabalho. Além disso, se privilegiará a idéia de “fugidio”, “mutável”, “coisas transitórias”, trabalhava por Harvey, para tentar compreender o ambiente que contribui para o fomento da obra modernista de Jorge Fernandes.

Capítulo II

A coexistência entre regionalismo e modernismo

As transformações políticas e econômicas e a busca pela “brasilidade”

No Brasil, as transformações sofridas quando da emergência do paradigma moderno, o avanço tecnológico e as mudanças sociais deles resultantes, ocorridos principalmente no final do século XIX e primeiras décadas do século XX, contribuíram para influenciar nossa produção intelectual e artística. Esse período da história do Brasil também foi pontuado por mudanças nas esferas política e econômica e culminaram com a busca pelas próprias raízes, propriamente pela busca do sentimento de “brasilidade”.

Num contexto nacional, quando a elite oligárquica tradicionalmente no poder entrou em crise, em alguns estados ainda antes do início dos anos 1930, as lutas que se verificaram como tentativas dessa oligarquia em recuperar o poder central – lutas de cunho político e ideológico, na busca da reunificação dessa elite no poder – levaram a conseqüentes transformações nos planos econômico, social, político e cultural, como observou Sérgio Miceli.²⁴ Para compreender e embasar melhor nosso estudo sobre a crise que se verificava no seio das tradicionais oligarquias em crise, torna-se imperativo conhecer o conceito de “tradição inventada” que Hobsbawm nos dá:

Por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, *uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico.*²⁵

²⁴ MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo – Rio de Janeiro: DIFEL, 1979. p. XVI-XVII

²⁵ HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997. p. 09 (grifos meus)

A idéia que Hobsbawm nos apresenta converge para a observação de Harvey de que a transitoriedade característica da modernidade “dificulta a preservação de todo sentido de continuidade histórica”. Dessa forma, as elites no poder, tanto a intelectual como a política propriamente dita, resistiam às mudanças que ameaçavam sua permanência no poder. No entanto, pode-se perceber que a resistência ou a recusa às mudanças e transformações não eram uma constante, uma vez que parcela dessa elite no poder apresentava-se receptiva a essas modificações, como é exemplo marcante a postura de Alberto Maranhão.

Como se pôde observar, a elite no poder dividiu-se em dois grupos: aquele partidário das transformações que, no estado, teve como maior exemplo Alberto Maranhão; e aquele relutante às modificações inerentes à modernização da sociedade, ou resistente a se tornar partícipe da sociedade *cosmopolita* que se pretende moderna. Para tentar esclarecer essa idéia, Araújo nos diz que “existiam núcleos urbanos que, apesar de não serem centros regionais e serem atrasados, também sofriam um processo de modernização, de tal modo que nestes núcleos fazia-se mais evidente a diferenciação entre os novos elementos da modernidade que chegavam e os velhos elementos que permaneciam na estrutura social e nas suas culturas”²⁶, opinião que pode nos ajudar a compreender a resistência com que as elites tradicionais (agrária e comercial) enxergavam a modernidade.

Começamos analisando o último grupo mencionado, composto por intelectuais intitulados *regionalistas tradicionalistas*.

Para começar, vejamos o que Antônio Candido nos diz sobre o regionalismo:

O nosso nacionalismo foi antes forjado em posições regionalistas. Mas o regionalismo pré-modernista se mostrava, em seu ‘conto sertanejo’, artificial, pretensioso, criando um sentimento subalterno e fácil de condescendência em relação ao próprio país.²⁷

O projeto de construção de uma história nacional, permeada pela busca da “brasilidade” foi levado a efeito pelos intelectuais regionalistas, principalmente no maior núcleo regionalista do Brasil: Recife. Para Durval Muniz, a literatura regionalista

²⁶ ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Op. cit.* p. 11

²⁷ CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. 7. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1985. p. 113

procurava afirmar a brasilidade por meio da diversidade, ou seja, pela manutenção das diferenças peculiares de tipos e personagens; por paisagens sociais e históricas de cada área do país, reduzindo a nação a um simples somatório dessas espacialidades literárias diversas.²⁸

Ao elogiar o regionalismo, Alfredo Bosi afirma “voltando as costas para as modas que as elites urbanas importavam, tantas vezes por mero esnobismo, puseram-se (os regionalistas) a pesquisar o folclore e a linguagem do interior, alcançando, em alguns momentos, efeitos estéticos notáveis, que a cultura mais moderna e consciente de um Mário de Andrade e de um Guimarães Rosa não desdenharia.”²⁹

Para Durval Muniz, “a emergência desse ‘novo regionalismo’”, diferente do regionalismo anterior ao modernismo, que tinha uma visão naturalista da arte; “dava-se como uma tentativa de enfrentamento da crise do modelo agrário exportador em vários estados brasileiros. O que estava em jogo era a própria defesa dos privilégios das antigas elites rurais, ameaçadas pelo processo de modernização e pelos códigos burgueses adotados nos centros urbanos”.³⁰

Segundo Araújo, o movimento regionalista organizado em Recife, por volta de 1924, foi noticiado na imprensa natalense sem muito entusiasmo. As notícias veiculadas pelos jornais *A Imprensa* e *A República* davam conta da fundação do “Centro Regionalista do Nordeste”, além da realização do “Congresso Regionalista do Nordeste”, mecanismos da divulgação do movimento regionalista no Nordeste, irradiados da capital pernambucana.

No Rio Grande do Norte, mais precisamente em Natal, os programas do regionalismo e do modernismo tiveram como grande divulgador Luís da Câmara Cascudo. Pelo fato de Câmara Cascudo defender os ambos os programas, começaremos nossa análise comentando sua participação no movimento regionalista, divisão feita apenas para fins didáticos. Antes de apresentarmos as condições históricas em que Cascudo vivia, estando sua importância ligada ao fato de essas condições estarem diretamente associadas a sua produção literária, julgamos necessário alguns apontamentos sobre o *regionalismo tradicionalista*, que, sob nosso ponto de vista, apresenta imbricações muito fortes com o

²⁸ ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 1990. p. 55

²⁹ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 42.ed. São Paulo: Cultrix, 2004, p. 207

³⁰ ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz. *Op. cit.* p. 35.

movimento *modernista*, não justificando, portanto, a dicotomia feita por muitos estudiosos de ambos os movimentos. A citação a seguir discute o cerne da questão, toca no ponto em que busca desfazer a “dicotomia” entre *regionalismo* e *modernismo*, demonstrando com exemplos (dos mais convincentes) que a “tradição” estava presente em muitas obras consideradas modernistas. Vejamos as ponderações de Sérgio Buarque de Holanda sobre a questão da tradição e sobre o peso que esta tem nos programas regionalista tradicionalista e modernista:

[...] Se o Modernismo foi contrário à rotina literária e artística, é porque seus líderes estavam empenhados em criar alguma coisa original e diferente. Não acho, porém, que tenha sido, como escreve o eminente sociólogo, ‘inimigo de toda a forma de regionalismo’. Ao contrário, houve até, desde o princípio, a preocupação de criar coisas não apenas originais ou diferentes, como acima frisei, mas também brasileiras. De 1924, por exemplo, é o extraordinário poema de Mário de Andrade, ‘Noturno de Belo Horizonte’, aparecido no terceiro número de ‘Estética’ e que traduz uma evidente preocupação não direi nacionalista, mas certamente nacional e até regional. Anteriores, ainda, ao ‘Noturno de Belo Horizonte’, são vários poemas do ‘Clã do Jabuti’, inspirados em motivos tipicamente brasileiros, como também o ‘Carnaval carioca’, escrito já em 1923, no mesmo ano, pois, em que Gilberto Freyre chegava ao Recife e muito antes de serem conhecidos no sul os estudos brasileiros e regionalistas do notável escritor[...] É bem conhecido, de resto, o interesse que Mário sempre mostrou pelo folclore luso-brasileiro e pelos motivos populares regionais e tradicionais da nossa terra. Preocupação que o levou a percorrer todos os estados do Brasil, do Amazonas ao Rio Grande do Sul. Mas, para não citar apenas o autor de ‘Macunaíma’, o ‘Pau-Brasil’ de Oswald de Andrade, que traz a data de 1925, reflete as tendências indisfarçadamente brasileiras do nosso Modernismo. [Cita ainda Manuel Bandeira, Guilherme de Almeida e Paulo Prado] Será necessário alinhar outros exemplos para demonstrar que o Modernismo não foi, em absoluto, antitradicionalista e anti-regionalista? Ao escrever aquelas palavras do seu livro, Gilberto sem dúvida cometeu um erro de interpretação. E note que me sinto inteiramente à vontade para dizer isto, porque, pessoalmente, não sou tradicionalista.

[...]

Compreendo o tradicionalismo como atitude estética. Mas acho que o culto à tradição, o amor do passado pelo passado, do ponto de vista social e político, é infecundo e negativo. Admito que os poetas gostem da tradição, como nós gostamos de ver velhas ruínas, mas o passado, como simples espetáculo, não me interessa. Observe que o tradicionalista, em geral, procura não a Tradição, mas certa tradição, mais de acordo com suas idéias e conveniências às vezes momentâneas. Com o recurso à palavra ‘tradição’, palavra naturalmente prestigiosa, o que ele procura é

apenas um endosso para suas idéias, quase sempre reacionárias e que precisam de muletas para se apoiarem.³¹

Começamos nossa análise pela citação “Observe que o tradicionalista, em geral, procura não a Tradição, mas certa tradição, mais de acordo com suas idéias e conveniências às vezes momentâneas”, parte constante do documento que acabamos de ler de autoria de Holanda. Essas “conveniências” a que Holanda aponta podem nos ajudar a compreender a relação de Câmara Cascudo com o modernismo. Observe a reprodução do poema “Não gosto de sertão verde”, do próprio Câmara Cascudo:

*Não gosto de sertão verde,
Sertão de violeiro e de açude cheio,
Sertão de rio descendo
l
e
n
t
o
largo, limpo,
Sertão de sambas na latada,
harmônio, bailes e algodão,
Sertão de canjica e de fogueira
- Capelinha de Melão é de São João,
Sertão de poço de ingazeira
onde a piranha rosna feito cachorro
e a tainha sombreia de negro n'água quieta,
onde as moças se despem
d
e
v
a
g
a
r
Prefiro o sertão vermelho, bruto, bravo,
com o couro da terra furado pelos serrotes
hirtos, altos, secos, hispídeos
e a terra é cinza poalhando um sol de cobre
e uma luz oleosa e mole
e
s
c
o
r*

³¹ HOLANDA, Sérgio Buarque, “Modernismo, tradicionalismo, regionalismo” *Apud* SENNA, Homero. *República das Letras*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora, 1987, p. 111 e seguintes *Apud* PEDREIRA, Flávia de Sá. *Op. cit.* p. 54-55

r
e
como óleo amarelo de lâmpada de igreja.³²

Em primeiro lugar, cabe assinalar um dado curioso: a tentativa de inovação formal introduzida por Cascudo ao grafar obliquamente três palavras, *lento* ; *devagar* e *escorre* – que ele possivelmente acreditasse ser o elemento mais moderno no poema, foi criticada por Mario de Andrade, que comenta em carta escrita ainda em 1926: "Aconselho apenas o escrever aquelas palavras *escorre lento* e a outra que não me lembro agora, naturalmente em horizontal. Essas ideografias na verdade são falsas e também caí nelas e errei. Na verdade não dizem nada mais que o que a imaginação do leitor inteligente bota de si no poema."³³

Pelo exposto, podemos compreender as palavras de Holanda quando diz que "os tradicionalistas procuram certa tradição mais de acordo com suas conveniências às vezes momentâneas." Dada a amizade nascida entre Cascudo e Andrade e compartilhada por cartas, a julgar pelo teor de camaradagem dos adjetivos direcionados a Cascudo (Luís querido, Luís do Coração, Cascudinho, Luisico etc.), aquele momento, os anos da década de 1920 principalmente, foram extremamente importantes para Cascudo, uma vez que lhe renderam visibilidade no contexto de emergência do movimento modernista.

No contexto da ascensão ao poder da oligarquia algodoeira-pecuária, tornava-se imperativo a criação de uma via de comunicação entre a capital e o interior. Dessa forma, o sertão, o progresso do sertão, a cultura sertaneja, ganhou espaço privilegiado nos jornais e na literatura de um modo geral. Os jornais *A República* e o *Diário de Natal* se encarregavam de publicar crônicas e notícias sobre o progresso do sertão, reproduzindo, de certa forma, o projeto do programa regionalista, a valorização das peculiaridades sertanejas. É nesse momento que a identificação com o paradigma regionalista se faz sentir mais forte e Câmara Cascudo faz o elogio dos elementos tradicionais locais, como deixa transparecer na resenha do livro de Leonardo Motta:

para este sertão que recua e morre, (...) o que se deve fazer é apanhar dos lábios dos tropeiros a fina flor desta inspiração

³² Luis da Câmara CASCUDO: "Não gosto de sertão verde" In: *Terra Roxa e Outras Terras*. São Paulo: Ano 1 - nº 6 - 1926. In www.modernosdescobrimientos.inf.br/desc/cascudo/cascudoencantado

³³ ANDRADE, Mário de. *Cartas de Mário de Andrade a Luiz da Câmara Cascudo*. Introdução e notas de Veríssimo de Melo. Rio de Janeiro: Vila Rica, 1991. p. 66

maravilhosa e selvagem. [...] Deixai de parte as vacuidades elegantes de Paris, o prostrar vetusto de Lisboa, e entrar no sertão, e bem depressa, todo nosso sentimentalismo e emoção se regozijará ante o cenário magnífico.³⁴

Feitas essas considerações sobre o movimento regionalista no Nordeste e no Rio Grande do Norte, é necessário lançar alguma luz sobre a repercussão do movimento modernista no Brasil e no nosso estado.

Para Alfredo Bosi, “o Modernismo, tomado na acepção estrita do movimento nascido em torno da Semana de 22, significou, em um primeiro tempo, a *ruptura* com a rotina acadêmica no pensamento e na linguagem, rotina que isolava as nossas letras das grandes tensões culturais do Ocidente desde os fins do século. Nesse abrir-se ao mundo contemporâneo, o Brasil reiterava a condição de país periférico, semicolonial, buscando normalmente na Europa, como o fizera em 1830 com o Romantismo ou em 1880 com o Realismo, as chaves de interpretação de sua própria realidade. Entretanto, *a mesma corrente que fora aprender junto à arte ocidental modos novos de expressão refluíu para um conhecimento mais livre e direto do Brasil: o nacionalismo seria o outro lado da práxis modernista.*”³⁵

Esse nacionalismo que o modernismo suscitava nos lembra a idéia de busca da “brasilidade”, mencionada anteriormente, sentimento que norteou o projeto intelectual de conhecer a realidade nacional, durante os anos de 1920.

Embora as críticas feitas pelos regionalistas tradicionalistas apontassem uma característica marcante do modernismo – o cosmopolitismo –, os modernistas brasileiros logo demonstraram sua particularidade: dentro do projeto da construção de uma história nacional, a perspectiva modernista se propunha dinâmica, desejava fazer uma leitura do passado e do que houvesse de essencialmente brasileiro, diferentemente da perspectiva regionalista que se apresentava estática, ou seja, não havia uma preocupação em resgatar o passado para analisá-lo no presente.

De acordo com Pedreira, para o modernismo “a preocupação com o futuro não se achava desvinculada da necessidade de investigação sobre o nosso passado colonial. E essa idéia central do projeto modernista inspirou inúmeros seguidores, especialmente a partir de 1924, data que marcaria o início da segunda fase do movimento, relacionada à

³⁴ ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Op. cit.* p. 47

³⁵ BOSI, Alfredo. *Op. cit.* p. 208 (grifos do autor)

defesa da modernização cultural, sem perder de vista sua caracterização para o ambiente brasileiro, tomando por referência o elemento tradicional e popular.³⁶

O modernismo inaugurado com a Semana de Arte Moderna de 1922 recebia a influência decisiva da vanguarda européia, notadamente a influência exercida pelo Futurismo de Marinetti. Pregava a universalização da literatura, a recusa aos padrões literários até então vigentes, como forma, métrica e estilos academicistas e, no Brasil, tomou um caráter nacionalista, sendo “a resposta a imperativos artísticos e culturais resultantes do processo de modernização da sociedade”³⁷, ainda que não negligenciasse o passado para a escrita e compreensão da sua história.

Segundo Araújo, o modernismo brasileiro caracterizou-se pela convivência, não sem atritos, de dois universos aparentemente distintos: o universo do passado, que interferia no processo de criação literária (através da tradição literária) e no dia-a-dia da sociedade brasileira (através da tradição cultural); e o universo do presente que, por sua vez, sofria as interferências do passado enquanto se modificava ante a modernização da literatura, da cultura e da sociedade como um todo.³⁸ E continua:

Por um lado, a cidade de São Paulo despontava como núcleo moderno do país, ao lado de outras cidades que sediavam regiões e também se modernizavam, sem que, no entanto, nem São Paulo nem as demais cidades deixassem de conviver com o problema do atraso e do subdesenvolvimento. Por outro lado, existiam núcleos urbanos que, apesar de não serem centros regionais e serem atrasados, também sofriam um processo de modernização, de tal modo que nestes núcleos fazia-se mais evidente a diferenciação entre os novos elementos da modernidade que chegavam e os velhos elementos que permaneciam na estrutura social e nas suas culturas.³⁹

O modernismo, da mesma forma que o regionalismo, porém em bases diferentes, tinha o objetivo de levar o projeto de construção de uma história nacional lastreada pela idéia de “brasilidade”, e, para isso, um de seus maiores idealistas, Mário de Andrade, empreendeu diversas viagens pelo Brasil, conhecendo e catalogando sociedades, costumes, características peculiares. Fato que lhe rendeu inúmeras críticas por parte dos

³⁶ PEDREIRA, Flávia de Sá. *Op. cit.* p. 46

³⁷ BERMAN, M. *Op. cit.* p. 151

³⁸ ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Op. cit.* p. 10

³⁹ *Ibid.* p. 11

regionalistas tradicionalistas, mas que soube responde-las, mesmo confidencialmente. Observe o conteúdo de uma das cartas de Mário de Andrade enviada a Câmara Cascudo:

A sua dicção tem pontaria as mais das vezes, Luís da Câmara Cascudo. Gostei imensamente disso. Não será mesmo essa a maior conquista dos *modernos*? Creio que sim. A literatura (mau sentido da palavra) nasceu no século XIX. Nós conseguimos (alguns) libertamo-nos da literatura. Isso vai aos poucos naturalmente.⁴⁰

Um fato a que se deve chamar a atenção, e que serve para referendar mais uma vez, as palavras de Holanda, é em relação ao caráter regional do modernismo. Quando nos lembra das viagens feitas por Mário de Andrade por todo o país conhecendo, estudando e catalogando hábitos, costumes de populações, muitas vezes, isoladas está destacando as características *regionalistas* que, a pretexto de descobrir ou preservar a *brasilidade*, acabou dando ensejo às críticas dos regionalistas tradicionalistas sobre o caráter *nacionalista* do modernismo. De certa forma, o modernismo apresentou tantas ou mais características que o filiasse ao regionalismo, mas seus partícipes souberam apropriar-se da tradição sem parecer apegar-se fortemente às raízes, de maneira até saudosista, uma vez que caminhava na mesma direção e empunhava a bandeira das mudanças sociais em vigência.

No Nordeste, o modernismo teve em Pernambuco, assim como o regionalismo tradicionalista, seu grande divulgador. Desde 1922, Joaquim Inojosa começou a publicar artigos que comentavam a repercussão do movimento modernista. Com um artigo intitulado “Que é futurismo”, Inojosa marcou a oposição entre “passadistas”/“futuristas”, assumindo o papel de principal representante e divulgador do movimento modernista no Nordeste. Ainda em 1924, escreveu a plaquete *A Arte Moderna*, na qual comentava o episódio de rompimento Graça Aranha com a Academia Brasileira de Letras, além de principais nomes do movimento e repercussão do mesmo nos demais estados nordestinos.⁴¹

Feitas essas considerações sobre o modernismo no Brasil e no Nordeste, urge comentar a repercussão do movimento modernista no Rio Grande do Norte.

⁴⁰ ANDRADE, M. de. *Op. cit.* p. 33

⁴¹ ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Op. cit.* p. 13

Embora Araújo considere Jorge Fernandes o representante potiguar genuinamente modernista, pela forma, tema e estilo literário,⁴² é necessário fazer algumas considerações sobre a figura de Câmara Cascudo, por entender que participou ativamente dos dois movimentos culturais, modernismo e regionalismo tradicionalista.

Câmara Cascudo teve destacada participação como incentivador e divulgador do modernismo e da crítica literária (são exemplos os livros *Alma Patrícia* e *Joio*), na conjuntura do Rio Grande do Norte e do Nordeste dos anos 1920. Câmara Cascudo trazia para Natal as últimas novidades editoriais do sul assim como os elementos da modernidade, comentando através de resenhas de livros e divulgação em revistas literárias e jornais.⁴³

Segundo Araújo, na mesma proporção em que Câmara Cascudo mantinha a elite letrada atualizada com os elementos modernos e as transformações que se processavam na esfera cultural do país, se voltava para as questões da cultura regional e para o incentivo à pesquisa nesse campo, como pudemos perceber pelo tom elogioso com que resenhou o livro de Leonardo Motta. Contudo, a vertente modernista encontrou neste estado maiores possibilidades de manifestação mais organizada porque encontrou a figura de Câmara Cascudo, que surgia “numa conjuntura diferente daquela anterior, que era dominada pela oligarquia açucareira e que, certamente, seria mais propícia ao fortalecimento da vertente regionalista.”⁴⁴ Com isso, fica claro que, embora não percebamos limites claros entre essas duas tendências literárias, Câmara Cascudo era simpatizante das duas, foi dele o papel fundamental de manter os letrados do Rio Grande do Norte atualizados com relação a ambos os movimentos.⁴⁵

Como observou Humberto Hermenegildo, essas duas tendências literárias, o modernismo e o regionalismo tradicionalista, consideradas as mudanças nas estruturas políticas e econômicas e nas relações sociais da época, poderiam ter se completado, quando na metade da década de 1920 foi explicitada, por parte do movimento modernista, a necessidade da criação de uma nova arte brasileira. O que se questionava não eram mais as idéias “futuristas” mas o “espírito de brasilidade”. Nesse momento compreendia-se que a realidade local de cada região fornecia conteúdos para essa nova forma literária. Como

⁴² ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Op. cit.* p. 45 e seguintes.

⁴³ *Ibid.* p. 46

⁴⁴ *Ibid.* p.44-46

⁴⁵ SILVA, Jailda Feitosa da . *O domínio holandês na capitania do Rio Grande: um discurso de Câmara Cascudo*. Natal, 2005. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Natal. p. 43

resultado do encontro dessas duas tendências, para a literatura, surgiram elementos até então ausentes para o sistema literário, como por exemplo, a referência à linguagem local, a província e a cultura regional como tema literário, entre outros.

No contexto do Rio Grande do Norte, nesse momento de resgate do “espírito de brasilidade”, o que Humberto Hermenegildo verifica é um estreitamento das relações entre os produtores culturais e o poder político e econômico locais que garantiam a continuidade de boa parte da vida literária.⁴⁶ Nesse sentido, podemos considerar Câmara Cascudo como divulgador dos movimentos modernista e regionalista tradicionalista porque na década de 1920 ele possuía independência financeira e ligação direta com a política, ou seja, mantinha estreitos laços com o poder político. O seu envolvimento literário foi impulsionado por circunstâncias favoráveis ao estreitamento dessas relações. O que condiz, nesse caso, com uma certa ‘liberdade de expressão’ literária, já que era o poder político que ‘patrocinava’ a produção literária. Câmara Cascudo incorporou-se ao movimento de 1922 – mensagem de renovação cultural- no estilo, no discurso, na forma de viver, de pensar e sentir. As razões desse movimento procuravam descobrir o espírito verdadeiramente brasileiro.

⁴⁶ ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Op. cit.* p.11-45

Capítulo III

A modernidade, a modernização e o modernismo regionalista de Jorge Fernandes

Neste momento do nosso trabalho tentaremos compreender a modernidade em sua plenitude, sem utilizar dualismos que negligenciem a essência da modernidade, qual seja, a experiência vital da modernização e seus resultados em termos espirituais: o modernismo.

Como é o objeto maior do nosso trabalho, analisaremos uma parte da obra de Jorge Fernandes, o *Livro de Poemas*. Buscaremos avaliar, baseados em opiniões abalizadas, a repercussão do modernismo no Rio Grande do Norte, notadamente as figuras que mais se destacaram nesse campo na cidade do Natal. Iniciaremos com uma breve discussão sobre a modernidade, para embasar melhor o ponto de vista que adotamos, e depois passaremos às considerações sobre o modernismo, aspecto de que depende a análise de nosso objeto.

Perry Anderson, na discussão que empreende em seu livro *Afinidades Seletivas*, faz a seguinte leitura sobre o posicionamento de Marshall Berman quanto ao modernismo: “Para Berman, o modernismo é profundamente revolucionário por definição. Para nossos fins, a questão relevante é que a idéia de modernização envolve uma concepção de desenvolvimento essencialmente plano – um processo contínuo em que não existe diferença real entre uma conjuntura ou uma época e outra, a não ser em termos da simples sucessão cronológica de velho e novo, anterior e posterior, categorias sujeitas, elas próprias, a incessante permuta de posições em uma direção, passando o posterior a anterior, transformando-se o novo em velho com a passagem do tempo.”⁴⁷

Já David Harvey, ao buscar definições sobre modernismo, explorou diversas obras, dentre elas a de Baudelaire, da qual extraiu considerações sobre o caráter fugidio da vida moderna, em meio às transformações modernizantes porque passava a sociedade ocidental. Captou as características que, sob o olhar de um estudioso de modernidade e, por conseguinte modernização e modernismo (segundo Berman, seus resultados diretos), de um verdadeiro artista modernista. Vejamos o que nos afirma:

⁴⁷ ANDERSON, Perry. “Modernidade e revolução” In: *Afinidades seletivas*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002. p. 108-109

Não posso revisar aqui a vasta e complexa história do modernismo cultural desde os seus primórdios na Paris pós-1848. [...] Se voltarmos à formulação de Baudelaire, por exemplo, vemo-lo definindo o artista como alguém capaz de concentrar a visão em elementos comuns da vida da cidade, compreender suas qualidades fugidias e ainda assim extrair, do momento fugaz, todas as sugestões de eternidade neles contidas. O artista moderno bem-sucedido era alguém capaz de desvelar o universal e o eterno, ‘destilar o sabor amargo ou impetuoso do vinho da vida’ a partir do efêmero, das formas fugidias de beleza dos nossos dias’ (Baudelaire, 1981, 435). Na medida em que a arte modernista conseguiu fazer isso, ela se tornou a nossa arte, precisamente porque ‘é a arte que responde ao cenário do nosso caos’ (Bradbury e McFarlane, 1976, 27).⁴⁸

Segundo Harvey, desde o começo, o modernismo se preocupava com a linguagem, com a descoberta de alguma modalidade especial de representação de verdades eternas, mesmo que para falar de eterno tivesse que “congelar” o tempo e todas as qualidades transitórias.⁴⁹ Em meio a todas as mudanças modernizadoras que ocorriam na sociedade ocidental, principalmente nas grandes cidades, fossem elas desenvolvidas ou não, ele assegura que o modernismo internalizou seu próprio turbilhão de ambigüidades, de contradições e de mudanças estéticas pulsantes, ao mesmo tempo que buscava afetar a estética da vida diária. É importante ter em mente que o modernismo surgido antes da Primeira Guerra Mundial era mais uma reação às novas condições de produção (a máquina, a fábrica, a urbanização), de circulação (os novos sistemas de transportes e comunicações) e de consumo (a ascensão dos mercados de massa, da publicidade, da moda de massas) do que um pioneiro na produção dessas mudanças. Essa complexa geografia histórica do modernismo (que ainda precisa ser escrita e explicada por inteiro) torna duplamente difícil interpretar com exatidão o que era modernismo. As tensões entre internacionalismo e nacionalismo, globalismo e etnocentrismo paroquial, universalismo e privilégios de classe nunca estiveram longe da superfície. Também parece que o modernismo, depois de 1848, era em larga medida um fenômeno urbano, tendo existido num relacionamento inquieto, mas complexo com a experiência do crescimento urbano

⁴⁸ HARVEY, David. *Op. cit.* 29

⁴⁹ *Ibid.* p. 30-31

explosivo (com várias cidades passando da marca do milhão no final do século), da forte migração para os centros urbanos, da industrialização, da mecanização etc.⁵⁰

Feitas essas considerações sobre os apontamentos de Anderson, Berman e Harvey, acerca das características do modernismo de maneira mais ampla (o movimento estético sendo resultado de um processo de modernização iniciado ainda no século XIX, o caráter urbano e oriundo de uma sociedade em profundo processo de transformação), faz-se necessário fazer considerações sobre o modernismo brasileiro.

O modernismo brasileiro e o modernismo local

Para iniciar nossa discussão, vamos nos apoiar nas análises de Alfredo Bosi, que define *Modernismo* da seguinte maneira:

O que a crítica nacional chama de *Modernismo* está condicionado por um *acontecimento*, isto é, por algo datado, público e clamoroso, que se impôs à atenção da nossa inteligência como um divisor de águas: A Semana de Arte Moderna, realizada em fevereiro de 1922, na cidade de São Paulo.

Como os promotores da *Semana* traziam, de fato, idéias estéticas originais em relação às nossas últimas correntes literárias, já em agonia, o Parnasianismo e o Simbolismo, pareceu aos historiadores da cultura brasileira que *modernista* fosse adjetivo bastante para definir o estilo dos novos, e *Modernismo* tudo o que se viesse a escrever sob o signo de 22. Os termos, contudo, são tão polivalentes que acabam não dizendo muito, a não ser que se determinem, por trás da sua vaguidade:

- a) as situações socioculturais que marcaram a vida brasileira desde o começo do século;
- b) as correntes de vanguarda européias que, já antes da I Guerra, tinham radicalizado e transfigurado a herança do Realismo e do Decadentismo.

Pela análise das primeiras entende-se o porquê de ter sido São Paulo o núcleo irradiador do Modernismo; as instâncias ora nacionalistas, ora cosmopolitas do movimento; as suas fases ideologicamente conflitantes.

Graças ao conhecimento das vanguardas européias, podemos situar com mais clareza as opções estéticas da semana e a evolução dos escritores que dela participaram.⁵¹

⁵⁰ HARVEY, David. *Op. cit.* p. 31-34

⁵¹ BOSI, Alfredo. *Op. cit.* p. 303 (grifos do autor)

Noutro momento, Bosi afirma: “quanto ao termo ‘modernista’, veio a caracterizar, cada vez mais intensamente, um *código novo*, diferente dos códigos parnasiano e simbolista. ‘Moderno’ inclui também fatores de mensagem: motivos, temas, mitos modernos.”⁵² A realização individual dependia da inovação na linguagem e nas formas de representação.⁵³

Falando de um modo genérico, é a sedução do *irracionalismo*, como *atitude existencial e estética*, que dá tom aos novos grupos, ditos modernistas, e lhes infunde aquele tom agressivo com que se põem em campo para demolir as colunas parnasianas e o academicismo em geral.⁵⁴ A partir de 1914,⁵⁵ o termo *futurismo*, com todas as conotações de “extravagância”, “desvario” e “barbarismo”, começa a circular nos jornais brasileiros e vira ídolo polêmico na boca dos puristas, além de transformar-se em maior crítica aos modernistas por parte dos regionalistas tradicionalistas. Aos poucos o projeto estético do movimento vai-se delineando, como se pode observar pelo texto a seguir:

Queremos luz, ar, ventiladores, aeroplanos, reivindicações obreiras, idealismos, motores, chaminés de fábricas, sangue, velocidade, sonho, na nossa Arte. E que o rufo de um automóvel, nos trilhos de dois versos, espante da poesia o último deus homérico, que ficou anacronicamente, a dormir e a sonhar, na era do *jazz-band* e do cinema, com a frauta dos pastores da Arcádia e os seios divinos de Helena!

Mas, a dado trecho, salienta que o grupo quer fazer nascer ‘uma arte genuinamente brasileira, filha do céu e da terra, do Homem e do mistério.’⁵⁶

No processo de modernização da sociedade brasileira, precisamente e muito mais intensamente da sociedade paulistana, embora guardando as devidas proporções e possibilidades diante de uma realidade por si só contraditória, como se pode chamar o processo de modernização de uma sociedade subdesenvolvida, envolta em costumes e

⁵² BOSI, A. *Op. cit.* p. 331 (grifos do autor)

⁵³ HARVEY, D. *Op. cit.* p. 30

⁵⁴ BOSI, A. *Op. cit.* p. 305 (grifos do autor)

⁵⁵ *Ibid.* p. 332. Sobre este evento o autor citado diz: “Por informação do Prof. José Aderaldo Castello, sei da existência de um folheto publicado na Bahia, por volta de 1910, por Almqüio Diniz: transcreve o Manifesto de Marinetti e o traduz. Não tenho notícia de qualquer repercussão do texto antes de 1912, data da volta de Osvald da Europa. Quanto à imprensa, os primeiros ecos são de 1914 e aparecem no artigo de Ernesto Bertarelli, “As Lições do Futurismo”, in *O estado de São Paulo*, de 12-7-1914 (*apud* Mário da Silva Brito, *História do Modernismo Brasileiro. Antecedentes da Semana de Arte Moderna*, S. Paulo, Saraiva, 1958, p. 31).

⁵⁶ ANDRADE, Mário de. *O Movimento Modernista*. Rio: Casa do Estudante, 1942, p. 15. (N. de M. S. B.)

Apud BOSI, Alfredo. *Op. cit.* p. 338 (grifos do autor)

presa às tradições, um grupo de pessoas estava em posição de usufruir todas as possibilidades do novo estilo literário que se produzia na Europa e no restante da sociedade ocidental. Nesse clima, só um grupo fixado na ponta de lança da burguesia culta, paulista e carioca, isto é, só um grupo cuja curiosidade intelectual pudesse gozar de condições especiais como viagens à Europa, leitura dos *derniers cris*, concertos, exposições de arte, poderia renovar efetivamente o quadro literário do país. A Semana de Arte Moderna foi o ponto de encontro desse grupo, e muitos dos seus traços menores, hoje caducos e só reexumáveis por leitores ingênuos (pose, irracionalismo, inconseqüência ideológica), devem-se, no fundo, ao contexto social de onde proveio.⁵⁷ Observe o que escreve Mário da Silva Brito sobre o “escol” patrocinador da “Semana” e sobre as possibilidades de “renovação da mentalidade nacional” que a “Semana” ofertava:

A Semana de Arte Moderna foi patrocinada pelo escol financeiro e mundano da sociedade paulistana. Prestaram-lhe sua cooperação, Paulo Prado, Alfredo Pujol, Oscar Rodrigues Alves, Numa de Oliveira, Alberto Penteado, René Thiollier, Antônio Prado Júnior, José Carlos de Macedo Soares, Martinho Prado, Armando Penteado e Edgard Conceição. É interessante assinalar que o *Correio Paulistano*, órgão do PRP, do qual Menotti del Picchia era o redator político, agasalhava os “avanguardistas”, com o consentimento de Washington Luís, presidente do Estado. Mas, de qualquer forma, havia sido realizada a Semana da Arte Moderna, que renovava a mentalidade nacional, pugnava pela autonomia artística e literária brasileira e descortinava para nós o século XX, punha o Brasil na atualidade do mundo que já havia produzido T. S. Eliot, Proust, Joyce, Pound, Freud, Planck, Einstein, a física atômica.⁵⁸

Feita essa rápida análise sobre as pretensões do movimento modernista brasileiro, e o estrato social de onde provinham seus componentes, impõe-se a necessidade de analisar mais atentamente a repercussão do movimento modernista no Rio Grande do Norte. Para essa análise será usada, basicamente, a obra *Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte*, de Humberto Hermenegildo de Araújo, cuja obra já se tornou obrigatória quando se empreende uma análise sobre as primeiras décadas do século XX em Natal, quanto ao

⁵⁷ BOSI, Alfredo. *Op. cit.* p. 333

⁵⁸ BRITO, Mário da Silva. “A Revolução Modernista”, em *A Literatura no Brasil* (dir. de Afrânio Coutinho). Rio, Livr. S. José, vol. III, t. 1, pp. 449-455. In: BOSI, Alfredo. *Op. cit.* p. 339

tema da modernidade e do modernismo, fazendo críticas observações sobre a abrangência do movimento nacional e, precisamente, sobre a obra de Jorge Fernandes.

Segundo Araújo, Câmara Cascudo teve grande importância na liderança de toda uma vida social que surgia a partir da “Vila Cascudo”. Além disso, exercia verdadeira liderança popular, no ambiente mundano dos “cafés”, locais onde se reuniam os intelectuais e poetas natalenses. Para Araújo, “a vida literária que propiciou a repercussão do movimento modernista em Natal se deu em grande parte em torno desses cafés, mais particularmente em torno do “Café Magestic”, ponto de encontro entre Jorge Fernandes e o então excêntrico intelectual do “Principado do Tirol”.⁵⁹

Ainda considerando este assunto ele afirma: “O ‘Café Magestic’ era um misto de ambiente popular e aristocrático, pois a sua freguesia era composta tanto das pessoas mais populares da cidade, como das figuras mais conhecidas nas rodas sociais e na vida pública. A divisão entre as classes era feita através da localização dos fregueses dentro do café. A freguesia selecionada ocupava a “Diocésia”, espécie de academia de Letras e humorismo de vanguarda, de espírito “fidalgo” e brincalhão, composta pela “roda da elite”. O “presidente perpétuo” da Academia era Jorge Fernandes, e foi desse ambiente que surgiu o que se pode chamar de o componente lítero-humorístico do modernismo em Natal, na década de 1920. Em *Alma Patrícia*, obra de crítica literária, Câmara Cascudo faz a seguinte consideração sobre o teor humorístico da obra deste poeta modernista natalense:

Jorge Fernandes, o pioneiro do humorismo, é também poeta delicado e dutil, passional e emotivo. Possuidor duma alma forte, Jorge tem atravessado a vida num largo gesto de semeador de risos. ‘Sou mais sério sorrindo, que sisudo’, disse ele. Isto define-o quanto a singular maneira de usar o riso como arma de ataque e de defesa aos males dos homens e as penas da vida. Reúne atualmente os contos magníficos que outrora escreveu e, muito em breve, ‘Terra Brava’ demonstrará o alto grau de magia, viveza, colorido e observação, aliado a uma notável técnica descritiva, com uma intensa dramatização nas figuras. ‘Terra Brava’ preencherá a lacuna dum livro de contos, vistos e vividos em nosso cenário, e o *espírito sereno de Jorge Fernandes se voltando para descrever a terra do sertão, terra divina e má, terá brava, de ouro e luz*, terá na vitalidade do seu esforço e do seu trabalho a seara luminosa dos triunfos.⁶⁰

⁵⁹ ARAÚJO, Humberto Hermenegildo. *Op. cit.* p. 49 (grifos do autor)

⁶⁰ CASCUDO, Luís da Câmara. *Alma Patrícia*: crítica literária. 2. ed. Natal: Fundação José Augusto, 1998. p. 151-152 (grifos meus)

A propósito da citação anterior vale lembrar os apontamentos feitos sobre a identificação de Câmara Cascudo em relação ao regionalismo tradicionalista, dada a enfática e elogiosa menção às qualidades sertanejas como se pôde observar nos grifos e na análise do poema “Não gosto de sertão verde”, transcrito no capítulo anterior. Além disso, e muito mais importante neste ponto de nossa análise, é imperativo perceber também as observações feitas por Cascudo quanto ao trabalho de evidente caráter regionalista realizado por Jorge Fernandes, trabalho que pode ser melhor analisado se se privilegiar a série de poemas que giram em torno da temática *regional*, ao todo 22 poemas.

É interessante notar que para Araújo, Jorge Fernandes quebrou um “horizonte de expectativas”⁶¹ em relação à poesia que era até então produzida em Natal:⁶²

O que há de notável em Jorge Fernandes é que foi ele o primeiro, no Rio Grande do Norte, a cantar no verso livre, sem rima, desprezando métrica e fórmulas tradicionais.⁶³

Esse fato é curioso porque, mesmo dividindo em grupos por temática [temática da reminiscência (10 poemas), temática da modernidade (06 poemas) e temática regional (22 poemas)], sendo o número de poemas da temática regional muito superior ao das outras temáticas, o conjunto, ele não conseguiu perceber o quanto é *regionalista* o teor da obra *Livro de Poemas*, de Jorge Fernandes, literato que ele categoriza como tendo quebrado o “horizonte de expectativas” na literatura local. Pensar dessa forma não significa retirar Jorge Fernandes do panteão em que foi colocado [o grande nome do modernismo em Natal], mas significa enxergar o modernismo local com outros olhos. É inegável que Jorge Fernandes inovou ao utilizar formas novas para conceber seus poemas, mas negligenciar o caráter *regional* presente em sua obra apenas dividindo por identificação de temáticas é menosprezar o quanto é complexa a história e o desenvolvimento do modernismo em nosso estado. A questão do *regionalismo* presente na poesia *modernista* de Jorge Fernandes será melhor analisada adiante, tendo como exemplo o poema REDE...

⁶¹ JAUSS, H. R. “Littérature médiévale et théorie des genres”. *Poétique*. N. 1. 1970. p. 79-101 *Apud*

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo. *Op. cit.* p. 52

⁶² ARAÚJO, Humberto Hermenegildo. *Op. cit.* p. 52

⁶³ MELO, Veríssimo de. “Introdução” *Apud* FERNANDES, Jorge. *Livro de Poemas e outras poesias*. Natal: Fundação José Augusto, 1970. p. 05

Colocadas essas questões, o nosso objetivo é tomar a obra de Jorge Fernandes como ilustração para compreender os diferentes contornos que tomou o modernismo em Natal, procurando entender a imbricação entre modernismo e *regionalismo* (não o regionalismo tradicionalista, mas aquele que toma as o regional/local como referência), na poesia de Jorge Fernandes, e buscando desvendar o processo histórico mais abrangente da modernidade que permeava o cotidiano natalense. Começamos pela repercussão do trabalho *modernista* de Jorge Fernandes.

Apesar de não repercutir muito no estado, naquela época, a produção literária modernista de Jorge Fernandes acabou aparecendo em revistas nacionais, como a *Revista de Antropofagia*, a *Terra Roxa & Outras Terras* e *Verde*, além de serem traduzidos dois poemas seus para a língua espanhola.⁶⁴ Além disso, Jorge Fernandes não fez parte da Academia Norte-Riograndense de Letras, nem de qualquer órgão oficial ligado à cultura do estado. O *Livro de Poemas* foi editado na tipografia de *A Imprensa*, graças ao apoio de Câmara Cascudo, que se encarregou de apresentá-lo a Manuel Bandeira e a Mário de Andrade, entre outros nomes do movimento modernista.⁶⁵ Câmara Cascudo chegou a afirmar no posfácio da edição de 1927, do *Livro de Poemas*, que Jorge Fernandes é “forçosamente pertencente ao movimento modernista, mas não se filiou a nenhum capitão-mor do bando”.⁶⁶

Nas palavras de Mário de Andrade, em cartas enviadas a Câmara Cascudo, o interesse e a admiração pela obra de Jorge Fernandes:

Quem é esse Jorge Fernandes, heim? A apresentação de você está engraçadíssima. E o tal de Jorge Fernandes me deixou com água no bico. É bom mesmo. Sensibilidade e inteligência, me pareceu. ‘Contrição’ um pouco mal realizado desde o ‘Andou feliz *sentida alma* (sentida alma é horrível. É só para rimar com calma! Diga pra êle que mande à merda essa rima e escreva ‘alma sentida’ que é muito bonito). Até ‘Aos pés’. Essa partinha é um pouco corriqueira por demais. Resto bom. ‘Remanescente’ estupendo inteirinho e o último verso é colossal. ‘Talvez na guerra contra o Paraguai’... que mundo está nesse verso! Que achado formidável.⁶⁷

⁶⁴ PEREIRA, Francisco das Chagas. *Leitura de Jorge Fernandes: contribuição ao estudo do modernismo na província*. Natal: Nordeste Gráfica, 1985, p. 111

⁶⁵ ARAÚJO, Humberto Hermenegildo. *Op. cit.* p. 52-53

⁶⁶ *Ibid.* p. 55

⁶⁷ ANDRADE, M. de. *Op. cit.* p. 38

Se o modernismo, segundo Bosi, é a emergência de um *código novo*, código que pressupõe tema, motivos e mitos modernos; versos livres, sem métrica estabelecida e com forma própria, poderemos enquadrar Jorge Fernandes no “escol” dos modernistas a partir das análises de seus poemas. Começemos com o poema REDE...

REDE...

Embaladora do sono...
 Balanço dos alpendres e dos ranchos...
 Vai e vem nas modinhas langorosas...
 Vai e vem de embalos e canções...
 Professora de violões...
 Tipóia dos amores nordestinos...
 Grande... Larga e forte... pra casais...

SUSPENSÃO...

Berço de grande raça

 Guardadora de sonhos...
 Pra madorna ao meio-dia...
 Grande... côncova...
 Lá no fundo dorme um bichinho...
 - ô...ô...ô...ôô...ôôôôôôôôôô...

Balança o punho da rede pro menino dormir...

Embora apresente forma própria, livre de convenções, esse poema remete a várias características presentes na poesia de Jorge Fernandes, principalmente aos costumes provincianos, de cidade pequena. Novamente é a temática local, provinciana que endossa o conteúdo de seu poema, o que nos autoriza a classificar o modernismo em que se enquadra de *modernismo regionalista*, bem ao gosto das palavras proferidas por Holanda ao relativizar o teor profundamente livre de regionalismo, como queriam os modernos. O

fato inegável e que confere a Jorge Fernandes o título de modernista é, sem dúvida, a maneira como concebe a forma desse poema. Ao observar a forma que toma a palavra “suspensa”, percebemos todo o sentido que acompanha a palavra.

Analisaremos os poemas “Meu poema parnasiano n. um” e “Aviões” juntos por entendermos que apresentam as mesmas características. Os dois apresentam elementos característicos do ambiente de modernidade que seu produtor vivia, durante os anos 1920; além de apresentar também reminiscências do período anterior ao processo de modernização por que passava a sociedade natalense. Vejamos:

MEU POEMA PARNASIANO n. UM

“Que linda manhã parnasiana...
 Que vontade de escrever versos metrificados
 Contadinho nos dedos...
 Chamar da reserva todas as rimas
 Em - or - para rimar com amor...
 Todas as rimas - em ade - pra rimar com saudade...
 Todas as rimas em - uz – pra rimar com Jesus, cruz,
 luz...

Enfeitar de flores de afeto um soneto ajustadinho
 Todo trancado na sua chave de ouro...
 Remexo os velhos livros...

‘-Ah! Que saudades eu tenho
 Da aurora da minha vida
 Da minha infância querida...’

Zim...(ligaram um dínamo de milhares de cavalos
 E as polias giram e as máquinas abafam o último verso da
 quadrinha...)

E lá me vem à mente o ritmo dos teares...
 As grandes rimas dos padrões...
 Os fios se cruzam... se unem pras grandes peças de linho...
 -Óleos... fios... polcas... alavancas...

Apitos. Ponteadores. Carritéis.

Zim traco! traco! traco! malhos. Alicates. Ar comprimido.

Fuco! Fuco! dos foles

Marcação de fardo pra exportação: marca M. B. C. -

FORTALEZA -

M. F. M. - MOSSORÓ - setas e contra marca -

Trepidação de declives.

‘Ah! Que saudades eu tenho.’

E me abafa o segundo verso de Casimiro

Um caminhão cheio de soldados que seguem pro interior

A caçar bandidos.

Que linda manhã parnasiana!

Vou recitar ‘A vingança da porta’

Os lindos e sangrentos versos do meu passado:

-‘Era um hábito antigo que elle tinha...’

Pregões de gazeteiros: - Raide de San-Roman! Ribeiro de Barros!

O grande momento da aviação mundial!

- Que poema forte o de San-Roman!

- Que poema batuta o de Ribeiro de Barros!

Todo misturado de nuvens, de óleo, de gasolina,

De graxa, de gritos de bravos! de emoções!

Dem! dem! dem!: - O auto-socorro -

- Quem vem ali?

Um operário que quebrou uma perna de uma grande altura.

- Viva o grande operário! -Viva o grande herói do dia!

- Vivôôôôô!...”

AVIÕES

“Novecentos e cinqüenta cavalos suspensos nos ares...”

- Besouro roncando: zum...zum... umumum...

Aonde irá aquele Rola-Titica parar?

E os olhos dos caboclos querem ver os Marinheiros

Os peitados vermelhos das Oropas...

E a marmota vai: ron... ron... - cevando o vento -

Por cima dos coqueiros, varando as nuvens...

Depois desce no Rio Grande numa pirueta danisca

Desimbestado, espalhando a água...

E fica batendo o papo, cansado de voar.”

A análise desses poemas, escolhidos entre diversos que, em maior ou menor grau, apresentam elementos que podem lançar luz sobre aquele momento que Jorge Fernandes vivia. Por exemplo, em versos como “Que linda manhã parnasiana.../ Que vontade de escrever versos metrificados/ Contadinho nos dedos.../ Chamar da reserva todas as rimas”, retirados do “Meu poema parnasiano n. um”, traz à tona uma aura de saudosismo ou, até mesmo, um anseio por produzir um poema ajustado aos padrões que, naquele momento, estavam sendo ameaçados por um novo estilo literário, que refletia as transformações sociais.

As estrofes seguintes do mesmo poema “Zim... (ligaram um dínamo de milhares de cavalos....), já apresentam os elementos que impediram o poeta de continuar seu intento (produzir um poema parnasiano), uma vez que as características próprias àquele período e marcantes da vida moderna, “dínamo de milhares de cavalos”, “polias giram”, “máquinas abafam”, “ritmo dos teares”, “óleos”, “fios”, “polcas”, “alavancas”, “apitos”, “ponteadores”, “*carritéis*”; inundam o poema e o transformam em um testemunho das transformações que ocorriam a todo momento na sociedade em que Jorge Fernandes vivia, a existência das fábricas e o ritmo de vida que impunha aos seus operários e à vizinhança, acostumar-se ao barulho provocado pelo seu funcionamento *Zim traco! traco! traco!*

A mesma análise se pode fazer em relação ao poema “Aviões”. O próprio título do poema revela uma marca da modernidade, resultado de anos de pesquisas científicas e avanços tecnológicos: aviões. O verso introdutório “Novecentos e cinquenta cavalos suspensos nos ares...”, já denota uma certa surpresa ou admiração, fenômeno não muito

raro naquele período em que, mesmo sendo testemunha de eventos como a chegada de um avião a cidade, o ar provinciano em que ainda estava mergulhada a capital natalense, muito impregnada de tradições e costumes ainda na década de 1920, acabava por transformar tal acontecimento em algo extraordinário.

Entretanto, ao aprofundarmos a análise sobre o mesmo poema, percebemos como ainda estão imbricadas no poeta os sentimentos de apego a uma tradição, embora o tema e a abordagem sejam completamente novos. Esse apego à tradição nós podemos perceber pelo uso indiscriminado de linguagem local. Ao se referir ao avião utiliza os termos “Besouro” (*Besouro roncando: zum... zum... umumum...*) e ainda “Rola-Titica, como forma, talvez, de aproximar o objeto retratado ao seu cotidiano. Além disso, ao se referir aos movimentos pronuncia “pirueta danisca” e “desimbestado”, termos muito mais comuns aos interioranos do que aos cidadãos citadinos. É nesse ponto que as ponderações acerca da imbricação entre os valores expressos pelo regionalismo e pelo modernismo se confirmam, referendando nossa idéia de que não há uma dicotomia/bipolaridade entre modernismo e regionalismo, uma vez que seus programas não estavam tão claramente definidos.

A obra de Jorge Fernandes é um exemplo das tensões existentes nos anos 1920 no aspecto cultural. Viveu um momento de intensa transformação, tanto em termos materiais quanto em termos culturais e, dessa forma, imprimiu à sua obra o caráter revolucionário que se espera de uma obra modernista, ao mesmo tempo que preservava o passado, a tradição, demonstrando todo o viés regionalista presente em sua obra. A análise de seus poemas revela que a modernidade do presente em que vive perturba a tranqüilidade do passado ou o que podemos nomear de conservadorismo da sociedade em que vivia, resultado de um processo de inserção na modernidade extremamente complicado. O Nordeste, e particularmente Natal, desenvolveu um processo de modernização muito característico, com diversas transformações modernizadoras convivendo lado a lado com o subdesenvolvimento e uma série de características que o prendiam ao passado. Na noção de *modernidade* que se apreende com o “depoimento” deixado pela obra de Jorge Fernandes é possível perceber as tensões daquele momento específico em que a sociedade tradicionalista em que vivia, de certa forma, sentia-se ameaçada com as mudanças que os tempos modernos anunciavam.

Considerações Finais

A modernidade, entendida como modalidade de experiência vital que seria hoje compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo, chegou ao Brasil demandando projetos mirabolantes e excludentes para se aproximar dos modelos europeus de conhecimento e civilidade, mostrando-se como uma “sociedade científica e moderna”,⁶⁸, mesmo que para isso tivesse que expulsar milhares de pessoas das áreas que a partir daí passariam a ser chamar nobres, num processo de verdadeira “regeneração”.

Em Natal, o processo de modernização consistiu na construção do bairro da Cidade Nova, fato mais representativo desse desejo elitista de integrar-se à modernidade vigente: de acordo com o projeto arquitetônico feito para o novo bairro, que retirava da região casebres e pequenas granjas, este se constituiria de áreas arborizadas, ruas e avenidas largas, além de casas grandes e espaçosas, de acordo com os preceitos higienistas, o que, para as elites “serviria de refúgio, onde as classes dominantes poderiam se proteger do contato com as péssimas condições ambientais e das epidemias que se expandiam pela cidade”.⁶⁹ O primeiro passo dado para a inserção do Rio Grande do Norte na modernidade foi a adoção de mudanças nos transportes públicos a partir da introdução dos bondes; na iluminação pública, com a introdução da energia elétrica em substituição à iluminação por lampião e nos hábitos sociais, que foram bastante influenciados pela cultura francesa.

Essas transformações materiais suscitaram outras, mais profundas, no aspecto cultural. Foi a partir da emergência da idéia de modernidade que surgiu a noção de *modernismo*, um dos aspectos da sensibilidade moderna em que se deteve este trabalho. Na busca pela definição de conceitos como *modernidade*, *modernização* e *modernismo*, nosso trabalho avançou na pesquisa desvendando pontos ainda comprometidos pela obscuridade deixada pela escassez de obras historiográficas que se debruçam sobre desdobramentos do modernismo no Estado, ainda mais se pensarmos em modernismo como testemunho privilegiado da História e aspecto intrínseco ao estudo da modernidade, tema já bastante debatido pela comunidade acadêmica.

⁶⁸ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p.47

⁶⁹ DIAS, Franknilda Márcia de Medeiros. *Da escola ao lar: a mulher na cidade do natal (1915-1930)*. 2002. Monografia (Graduação em História)-Departamento de História da UFRN, Natal. p.14.

De acordo com nossas pesquisas pudemos perceber que a modernidade, recebida no Brasil de um modo diferente daquele esperado numa sociedade altamente desenvolvida, como a sociedade européia, também suscitou a diferenciação do modernismo enquanto estilo literário e resposta *espiritual* ao processo de modernização em voga desde fins do século XIX. Tal modernismo, que primava pela busca da “brasilidade”, pregava o cosmopolitismo e criticava o apego exacerbado à Tradição pelos regionalistas tradicionalistas, foi, ao contrário do que se esperava, buscar nos elementos regionais as raízes dessa brasilidade original.

Esse apontamento converge para a idéia de que o modernismo brasileiro, o nordestino em particular e, mais precisamente, o local, tomou delineamentos que o permitem identificá-lo com a sociedade em que foi produzido. Herdeira de uma tradição, e buscando a todo custo conservá-la, a sociedade nordestina serviu de inspiração para a produção dos modernistas e, pela própria contradição em que estava mergulhada, acabou imprimindo ao modernismo características caras ao regionalismo, transformando em ícone da brasilidade e bandeira empunhada pelos modernistas as coisas pitorescas do interior.

Dessa maneira, é possível compreender em toda sua historicidade, a obra *Livro de Poemas*, de Jorge Fernandes, tanto em termos de testemunho da história da modernidade, quanto em termos de testemunho da interdependência entre o modernismo e o regionalismo. Ele produziu, assim como outros literatos classificados como modernistas, como o próprio Câmara Cascudo, uma obra original em forma, mas os temas continuavam presos às características regionais, uma constante no modernismo nordestino, o que Sérgio Buarque de Holanda chamaria mais tarde de *modernismo regionalista*.

Embora considerado como maior ícone do modernismo no Estado, como se o veio regionalista passasse ao largo de seu trabalho, Jorge Fernandes nada mais foi do que o exemplo da sociedade conservadora e moderna e, por isso, contraditória, em que vivia. Soube fundir formas novas com as já petrificadas temáticas regionais tão caras à sociedade ainda dominada por uma elite que, embora emersa numa onda modernizante, se agarrava às tradições que “prometiam” diminuir os efeitos das mudanças e da efemeridade característica da modernidade sobre seu cotidiano.

Bibliografia

ANDERSON, Perry. "Modernidade e revolução" In: *Afinidades seletivas*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 1990

ANDRADE, Alenуска Kelly Guimarães. *A alma da cidade: a energia elétrica em Natal (1905-1920)*.^{2003.} Monografia (Graduação em História). UFRN, Natal, 2003

ANDRADE, Mário de. *Cartas de Mário de Andrade a Luiz da Câmara Cascudo*. Introdução e notas de Veríssimo de Melo. Rio de Janeiro: Vila Rica, 1991

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte*. Natal: UFRN/Ed. Universitária, 1995

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar* - a aventura da modernidade. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994

CASCUDO, Luís da Câmara. *Alma patricia: crítica literária*. 2. ed. Natal: Fundação José Augusto, 1998

DIAS, Franknilda Márcia de Medeiros. *Da escola ao lar: a mulher na cidade do natal (1915-1930)*. 2002. Monografia (Graduação em História)-Departamento de História da UFRN, Natal

FERNANDES, Jorge. *Livro de Poemas e outras poesias*. Natal: Fundação José Augusto, 1970

HARVEY, David. *Condição pós-moderna* † uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1992

HERSCHMANN, Micael M. PEREIRA, Carlos Alberto Messeder, (Org.), *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20 e 30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994

HOBSBAWM, E. RANGER, T. (Org.) *A invenção das tradições*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997

MARX, K. ENGELS, F. *O manifesto comunista*. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001

MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Rio de Janeiro: DIFEL, 1979

MONTEIRO, Denise Mattos. *Introdução à história do Rio Grande do Norte*. 2.ed. Natal: Cooperativa Cultural, 2002

PEDREIRA, Flávia de Sá. *Chiclete eu misturo com banana: carnaval e cotidiano de guerra em Natal (1920-1945)*. Natal: EdUFRN, 2005

PEREIRA, Francisco das Chagas. *Leitura de Jorge Fernandes*. Natal: Fundação José Augusto, 1985

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

SEVCENKO, Nicolau, (Org.) *História da vida privada no Brasil*. v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v. 3

_____. *Literatura como missão* † tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995

SILVA, Jailda Feitosa da . *O domínio holandês na capitania do Rio Grande: um discurso de Câmara Cascudo*. Natal, 2005. Monografia (Graduação em História) -Departamento de História, UFRN, Natal

SOUZA, Antônio Candido de Melo. *Literatura e sociedade: Estudos de teoria e história literária*. 5. ed. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1976

WANDERLEY, Jaime dos G. *É tempo de recordar*. Natal: CERN/Fundação José Augusto, 1984.

www.modernosdescobrimientos.inf.br acessado em 30/01/06 às 08:06h

www.releituras.com acessado em 30/01/06 às 08:11h

Iconografia

Figura da capa : PEDREIRA, Flávia de Sá. *Chiclete eu misturo com banana: carnaval e cotidiano de guerra em Natal (1920-1945)*. Natal: EdUFRN, 2005

Figura 1: HARVEY, David. *Condição pós-moderna : uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1992

Figura 2: ^{HISTÓRIA VIVA} ~~História Viva~~, São Paulo, ^A ~~o~~ Ano 1, n^o 04, p.82, fevereiro de 2004

Figura 3: REGO, Giovanni Sérgio; CASTRO, Nei Leandro. *Natal 400 anos: uma viagem poética*. Natal: Dois, A Publicidade, 1998.